



## Por que o Centrão?

Humberto Dantas \*

### **Cena 1 – a convicção**

Desde antes das eleições de 2018, são incontáveis as declarações do hoje presidente Jair Bolsonaro sobre uma associação absolutamente direta entre o histórico apoio dado pelo Centrão à agenda do Poder Executivo Federal no Congresso Nacional e a corrupção. Mas com ele seria diferente. Seu governo não cederia a tais chantagens.

Depois de quase três décadas na Câmara dos Deputados, onde acumulou sete mandatos seguidos conquistados junto ao eleitorado fluminense, o atual ocupante do Palácio do Planalto poderia saber como poucos o que de fato ocorre no Legislativo. Não existem, entretanto, documentos, representações, processos, denúncias formais dele sobre tais fatos contra nenhum dos últimos três presidentes da República – tratamos aqui de Michel Temer, Dilma Rousseff e Lula da Silva. Mas paciência: como parlamentar convicto ele falava, mas as provas e atitudes vinda dele nunca apareceram.

### **Cena 2 – a atitude no Legislativo**

Em tempos recentes, entre 2003 e 2018, as taxas históricas de governismo de Bolsonaro oscilaram de forma expressiva. De acordo com o Basômetro, ferramenta do Estadão Dados disponível gratuitamente no portal do jornal O Estado de S. Paulo, Bolsonaro aderiu a 34% das posições da liderança do governo Lula da Silva no primeiro mandato de 2003 a 2006 – foram 228 votos nominais contrários à agenda do presidente, e 118 favoráveis. Em novembro de 2006, por exemplo, ele chegou a aderir a 83% de tudo o que o governo queria e foi levado aos deputados federais para manifestações nominais. No segundo mandato de Lula da Silva a taxa de adesão de Bolsonaro saltou para significativos 56%. Em relação às suas críticas ao petista fica difícil de acreditar, mas é o que mostram os resultados. Em novembro de 2009 a taxa atingiu 91%, o que pode assustar quem tenha escolhido o ex-presidente em 2018 como inimigo.

Com Dilma Rousseff, o percentual do primeiro mandato volta a ser idêntico àquele do início do mandatário anterior: 35%. E baixou ainda mais nos poucos

meses pós reeleição e posse: 24%. Pronto! Bolsonaro atingiu a lógica de um típico opositor, e não há nada de errado nisso. É da democracia.

O que parece estranho é que um presidente absolutamente associado à corrupção, que chegou a ser detido depois de sair do poder e teve contra si quase toda a opinião pública o associando a escândalos dos mais diversos, tenha tido tanto apoio de Bolsonaro. Se concordar com a agenda do Poder Executivo é ser corrupto, como prega o atual ocupante do Planalto, como o deputado Jair registrou taxa de adesão de 77% à agenda de Michel Temer? Em outubro de 2016 o índice bateu 97%, quase um casamento – como ele mesmo gosta de enfatizar em suas análises. Perfeitamente. É do jogo.

### **Cena 3 – esqueça os números, eu sou mais eu!**

Esqueça absolutamente tudo o que escrevi em termos de análise. Partamos da ideia de que Bolsonaro aderiu apenas e tão somente apenas a todas essas agendas porque tinha convicções pessoais que unilateralmente o guiaram em suas decisões. Ele sempre teria agido assim: vota positivo no que deseja e nega o que não lhe agrada. E suponhamos que todos os deputados federais fossem assim: absolutamente desprendidos, sem vínculo com seus partidos, sem contribuírem com agendas coletivas, guiados por uma chama interna, sem convicções estratégicas de longo prazo ou qualquer lógica de trocas legítimas e legais. Ou apenas por interesses de seus eleitores mais bem caracterizados: atendo a quem vota em mim! Isso significaria dizer que se Lula da Silva editasse uma medida tratando da criação do “éden armamentista”, Bolsonaro teria sido o primeiro parlamentar a cravar um sim no placar, com direito a agradecimentos públicos e discursos nas redes sociais. Perfeito! É da democracia.

A isso tudo damos o nome de uma política comum concentrada na mais absoluta lógica do pensamento do baixo



clero sem vínculos partidários e concentrado nas posições mais imediatistas. E nesse caso, é estranho que Jair tenha ficado tanto tempo no Progressistas, e natural que pensando assim tenha passado apenas dois anos no PSC, flertado com o PEN a ponto de fazê-lo mudar de nome sem nunca se filiar, aderido ao PSL e ido embora prometendo criar a Aliança pelo Brasil. Perfeito. Nada de estratégia de partido: eu sou mais eu!

#### **Cena 4 – chegando ao Planalto**

Mas desde 2019 tudo mudou, e Bolsonaro está na Presidência da República. E o que faz? Simples: ignora os partidos, destrata o Centrão, ofende o Poder Legislativo e desqualifica a atitude dos deputados – ao menos é isso o que faz questão de bradar ou apoiar, inclusive em manifestações que pedem o fechamento do parlamento, a despeito de haver controvérsias das mais expressivas sobre suas atitudes nos bastidores. Dessa forma, pouco importa que em sua formação original o gabinete ministerial tenha sido ocupado por deputados do DEM – ao todo três, e todos eles da cota pessoal do presidente, pois o partido se recusa a dizer que está no governo. Aqui, diga-se de passagem, o grau de adesão da legenda é de 93% à pauta da liderança de Bolsonaro na Câmara, perdendo apenas para os 95% da era Temer em tempos recentes, quando era declaradamente governo. Temos ainda o caso do MDB, que ocupou durante curto tempo uma cadeira ministerial sem se dizer governo, e adere a taxas de 91% a Bolsonaro.

#### **Cena 5 – de quem é a agenda?**

Mas vamos para uma nova cena. Esqueça parte do que eu disse. Já afirmamos aqui nesse espaço, em meses anteriores, que Bolsonaro legisla como todos e apanha como poucos do Congresso Nacional. Isso significa dizer que a pauta legislativa estaria nas mãos dos presidentes das casas, ambos do DEM. E nesse caso o Centrão estaria no controle do país – mesmo que o DEM insista em dizer que não pertence a esse grupo.

É verdade que o Congresso tem se mostrado mais independente, ou ao menos pouco dócil às agendas puras do Executivo. Se todos os deputados pensassem como Bolsonaro em seus quase 30 anos de Câmara, seria possível dizer que suas ideias não são limpidamente razoáveis a ponto de serem votadas como chegam. São emendadas, devolvidas, caducam e os vetos executivos por vezes caem. Paciência. Acontece. Esse é o papel do Poder Legislativo. E tudo estaria caminhando bem.

#### **Cena final – então por que o Centrão?**

Bolsonaro pode até sofrer nas mãos do Congresso, mas parte de sua agenda prospera, sobretudo questões econômicas. Mas o que ocorre que os jornais falam faz algumas semanas na aproximação com o Centrão? Vamos por partes:

o Centrão teria rachado. Uma parte está sob o comando de forças internas do Poder Legislativo e seria caracterizada por DEM, PSDB e até mesmo o MDB.

A outra seria formada por PRB, PP, PSD, PL e PTB. Faz sentido? Aparentemente sim, mas por que Bolsonaro andou recebendo apoio explícito de figuras como Roberto Jefferson, condenado por corrupção que ainda dá as cartas no PTB e nas redes sociais ostentava, dia desses, uma arma de fogo que prometia utilizar caso Bolsonaro fosse apeado do poder? Simples. E aqui está a questão central: aumentam de forma expressiva as chances de o presidente da República ter o seu mandato abreviado. E quem poderia o salvar? O Centrão. Que Centrão? O mesmo composto por deputados e partidos que simbolizam o que o mandatário do Planalto entende estar associado de forma evidente e absoluta à corrupção. Mas perceba: Centrão é igual “bala perdida”: não se condena, não se acusa, não se dá nome, não se caracteriza, tampouco se mostra a foto. Mostre uma foto do “Centrão”.

Pois bem: Bolsonaro pode ser processado pelo STF, mas a justiça precisa de autorização de ao menos dois terços dos deputados federais. Bolsonaro pode ser processado pelo Senado, e não faltam pedidos de impeachment na mesa de Rodrigo Maia, mas qualquer peça precisa de autorização de ao menos dois terços dos deputados federais. E por aí vai. Entendeu? Um terço salva Bolsonaro. O PSL elegeu pouco mais de 10% da Câmara, em poucos meses Bolsonaro rachou o partido e sequer sabe se conseguirá levar alguns dos deputados para sua legenda nova. Como fica? Simples. A pior parte da política, sob a ótica do presidente da República, é quem pode lhe salvar. Assim, indica ministro chamado de “Bonitão” na lista da Odebrecht, cujo pai, ex-governador do Rio Grande do Norte, é acusado de corrupção em operações na justiça; recebe cargos para aliados de Valdemar Costa Neto e Renan Calheiros; recebe apoio de um condenado que encabeça o PTB e; flerta com toda sorte do que ele mesmo dizia evitar. A pergunta, diante de todo esse descritivo: até quando dura um acordo aparentemente tão frágil como esse? Essa resposta eu não tenho, mas queria mostrar aqui o quanto tudo isso é delicado do ponto de vista das crenças, discursos, confianças e sustentações. E pensar se nada disso terá qualquer relação com o universo da corrupção.

*As opiniões externadas nesta publicação são de exclusiva responsabilidade de seus autores. Não são necessariamente opiniões da Fundação Konrad Adenauer.*